



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz
Curso de Especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde

O veneno está na mesa - um olhar multidimensional para o cinema na sala de aula

Valéria Bazilio Terra

Orientadora: Larissa Escarce Bento Wollz

Rio de Janeiro
2016

Valéria Bazilio Terra

O veneno está na mesa - um olhar multidimensional para o cinema na sala de aula

Monografia submetida como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Ciência, Arte e Cultura na Saúde do Curso de Especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ.

Data: ___/___/2016

Assinatura do Aluno

Assinatura do Orientador

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca de Ciências Biomédicas/ ICICT / FIOCRUZ - RJ

T323 Terra, Valéria Bazílio

O veneno está na mesa: um olhar multidimensional para o cinema na sala de aula / Valéria Bazílio Terra. – Rio de Janeiro, 2016.
ix, 44 f. : il. ; 30 cm.

Monografia (Especialização) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ciência, Arte e Cultura na Saúde, 2016.

Bibliografia: f. 30-33

1. Cinema. 2. Produção de alimentos. 3. Agrotóxico. 4. Nutrição. I.
Título.

CDD 632.950208

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me encorajado a retomar os estudos, assim como meu marido Lucio e minha filha Flora.

Agradeço a Hélio Cabral por toda sua disponibilidade e auxílio na formatação do trabalho.

Agradeço a todos os coordenadores e professores do curso por ter proporcionado momentos prazerosos de aprendizagem.

Agradeço imensamente a Larissa Wollz pela orientação, pelo carinho e pela disposição.

Agradeço especialmente à professora Anunciata Sawada pela revisão e aconselhamentos.

Agradeço a toda banca por estar disponível a colaborar com este trabalho.

Agradeço a Caliban Produções Cinematográficas nas pessoas de Ana Rosa Tandler por ter disponibilizado uma cópia do filme e de Silvio Tandler por ter me recebido para uma conversa informal.

Agradeço a Daniele Andrade por sua disponibilidade em ajudar na correção da redação.

E não poderia esquecer jamais das companheiras de sala de aula: Juliana, Neila, Amanda, Fernanda, Isabel, Laura, Luana, Carmen, amigas que espero continuar por toda vida.

“A busca da verdade está sempre ligada a uma decepção, a uma desilusão, a uma dúvida, a uma perplexidade, a uma insegurança, ou então, a um espanto e admiração diante de algo novo e insólito”.

Marilena Chauí

“O meu cinema é uma tentativa de participar das lutas políticas por transformação”.

Silvio Tendler

RESUMO DO TRABALHO

Este trabalho representa a conclusão do curso de Ciência Arte e Cultura na Saúde/IOC acerca da produção de alimentos no Brasil a partir do documentário “O veneno está na mesa”. Essa obra traz a temática sobre o uso abusivo de agrotóxicos no Brasil. O estudo apresenta um breve relato sobre o surgimento da agricultura no país, sobre o campesinato e sobre a chegada da chamada Revolução verde. Aborda ainda conceitos sobre o gênero documentário, na utilização do cinema como instrumento pedagógico em sala de aula. Apresenta uma proposta de análise utilizando as seguintes dimensões: social, formal, econômica, conceitual, pedagógica e pessoal, visando contribuir na formação de profissionais reflexivos e críticos.

Palavras-chave: cinema, produção de alimentos, agrotóxico, nutrição.

ABSTRACT

This project is the work of completion of the course of Science Arts and Culture in Health / IOC on the production of food in Brazil from the documentary "O veneno está na mesa". This work brings the theme of the abusive use of pesticides in Brazil . The study presents a brief account of the emergence of agriculture in the country, on the peasantry and on the arrival of so-called Green Revolution. It also discusses concepts of the documentary genre, the use of film as a teaching tool in the classroom. It presents a proposal for analysis using the following dimensions: social, formal, economic, conceptual, pedagogical and personal, to contribute in the formation of reflective and critical professionals.

Keywords: cinema, food production, pesticide, nutrition.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. OBJETIVOS	11
2.1 Geral	11
2.2 Específicos	11
3. METODOLOGIA	12
4. DISCUSSÃO	15
4.1 Dimensão Formal	15
4.2 Dimensão social	17
4.3 Dimensão Econômica.....	18
4.4 Dimensão Conceitual	20
4.5 Dimensão Pedagógica	23
4.6 Dimensão Pessoal.....	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
6. REFERÊNCIAS.....	30
7. ANEXOS	33
7.1. Ficha Técnica / Sinopse.....	33
7.2. Transcrição do filme: O veneno está na mesa.....	34

1. INTRODUÇÃO

Este estudo versa sobre a produção de alimentos no Brasil tratada no filme “O veneno está na mesa”, de modo a propiciar reflexão na graduação de nutrição, numa perspectiva da metodologia ativa, para que o graduando desenvolva autonomia na construção do saber, por meio de uma aprendizagem significativa.

Ao ingressar na especialização Ciência, Arte e Cultura na Saúde do Instituto Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ, descobri novos formatos de saberes numa proposta de união da ciência com a arte. Dessa forma, mostrou-se o cinema como um forte aliado do mundo da arte às descobertas científicas.

A escolha do documentário “O veneno está na mesa” está relacionado a minha formação em nutrição, pois a temática abordada no filme está diretamente envolvida com a qualidade dos alimentos ofertada à população.

Inicia-se um grande desafio, aprender cinema e, em particular, o gênero documentário, pois diferente de uma espectadora, que assiste a filmes por prazer, como analista, há uma mudança brusca de atitude, que obriga a análise crítica e ao afastamento de efeito catártico, provocado pela arte, como descreve Vanoye (2014).

O documentário escolhido aborda a forma como se produz o alimento, quem produz, quem consome, quem ganha e quem perde nessa espécie de *jogo* de vários interesses políticos e econômicos relatados nas entrevistas de diferentes atores sociais. Os interesses e conflitos do campo estão presentes em todo o filme, retratando toda ideologia que marca esta questão.

Pluridimensionar o olhar para um filme nasceu da proposta da disciplina "Cinema e subjetividade", do Programa de pós-graduação da UERJ em parceria com o Programa de pós-graduação do EBS/IOC, como uma continuidade do projeto de pesquisa no CACS.

O interesse em discutir a produção de alimentos em nosso país nos remete à agricultura dos tempos da colonização do Brasil, marcada pela monocultura da cana-de-açúcar, pelo trabalho escravo e mais de 500 anos pós-colonização perpetuamos este modelo atualmente com a soja, carne bovina, açúcar, café etc. A quem interessa a continuidade deste modelo?

O trabalho inicia-se com os relatos que encontramos da história da agricultura no Brasil (1530-1640), por Caio Prado Júnior (1979), a agricultura de subsistência contava-se com espécies de tubérculos, em especial a mandioca, oriunda da cultura

indígena. Em seguida veio o milho, arroz e o feijão. As verduras eram pouco consumidas ao contrário das frutas, que no início da colonização eram muito apreciadas, principalmente a banana e laranja. Inclui-se também como produto de subsistência a carne de boi sendo a pecuária, mais tarde, considerada base econômica da colonização do Extremo Sul. Entretanto, tal fato se deve à valorização do couro no mercado externo. A carne era desprezada, já que a produção era maior que o consumo interno.

Durante a colonização, o país seguiu valorizando a monocultura de poucos produtos para exportação como café, borracha, cacau, mate e fumo. Por outro lado, mais de 30% de produtos importados eram gêneros alimentícios, o que é bastante contraditório para um país com essa extensão de terras agricultáveis.

Essa contradição comprometerá mais tarde a organização econômica, que começará com a queda do preço do café, acarretando superprodução e dificuldade de escoamento. Em contrapartida a pecuária cresce tanto para gado de corte como para leiteiro na região sudeste do país.

A formação de aglomerações urbanas e industriais foi um estímulo para que as pequenas propriedades produzissem frutas, verduras, aves e ovos, para abastecimento, uma vez que a agricultura em larga escala não produzia tais alimentos, o que favoreceu os lavradores modestos.

Outro fator foi a crise do café, levando ao retalhamento das fazendas e sua venda em lotes num custo acessível ao trabalhador rural. Com esses estímulos, a pequena propriedade continuou progredindo, porém com grandes obstáculos econômicos e políticos devido ao domínio agrário.

Esse progresso sofre abalos devido a conjunturas favoráveis a grandes plantações, como algodão e cana-de-açúcar. Por outro lado, cada vez mais os pequenos proprietários se mostram habilitados a produzir os gêneros necessários à subsistência alimentar da população, representando um grande papel na economia brasileira e desempenhando uma função que no passado cabia à importação (PRADO JÚNIOR, 1979).

Neves (2008) apresenta o campesinato como categoria analítica e histórica sendo constituído por poliprodutores, integrados ao jogo de forças sociais do mundo contemporâneo. No Brasil, a categoria será reconhecida pela produção, em modo e grau variáveis, para os mercados locais, em rede, os nacionais e os internacionais. Se a relação com o mercado é característica distintiva desses produtores (cultivadores,

agricultores, extrativistas), as condições dessa produção guardam especificidades que se fundamentam na alocação ou no recrutamento de mão de obra familiar. Trata-se do investimento organizativo da condição de existência desses trabalhadores e de seu patrimônio material, produtivo e sociocultural, variável segundo sua capacidade produtiva.

Para Cunha (2012), a origem do campesinato no Brasil pode ser proveniente de áreas de antigos engenhos de cana-de-açúcar, algodozeiras e cafezeiras ou também de fronteira quando ligados à expulsão de povos indígenas ou como ocorreu no sul do país, por meio de doação de terras pelo Estado Imperial, a imigrantes assentados em colônias.

Soma-se a esses conceitos outras referências que trazem conceitos do campesinato como um termo repleto de sentidos que refletem conceitos culturais, sociais e históricos. Conceituando como uma diversidade de formas sociais baseadas na relação de trabalho familiar em formas distintas de acesso à terra. Entre os elementos comuns à cultura camponesa está a centralidade do papel da família na organização da produção, os costumes de herança, a tradição religiosa e as formas de comportamento político, juntamente com o trabalho da terra (MOURA, 1988; MARQUES, 2008 *apud* WOLLZ, 2014).

A cultura do campesinato, remete a uma ordem simbólica construída historicamente e possui especificidades em sua inserção na lógica econômica de produção (WOLLZ e STOLZ, 2014).

Com o início da chamada Revolução Verde, nas décadas de 60 e 70, veio a invenção e disseminação de novas sementes e práticas agrícolas que permitiram um vasto aumento na produção agrícola no mundo por meio da alteração genética de sementes, uso intensivo de insumos industriais, mecanização e redução do custo de manejo.

Este modelo se baseia na intensiva utilização de sementes geneticamente alteradas, insumos industriais (fertilizantes e agrotóxicos), mecanização, produção em massa e diminuição do custo de manejo. Como também no uso extensivo de tecnologia no plantio, na irrigação, na colheita e no gerenciamento de produção. Para obter o crédito agrícola, o agricultor fica obrigado a fechar um pacote em que está incluída a compra dos insumos químicos.

A Revolução Verde resultou num desenvolvimento tecnológico moderno, o que levou à substituição de parte da cultura das comunidades das técnicas agrícolas

tradicionalmente passadas de pais para filhos. Muitos agricultores optaram pela novidade por estarem entusiasmados com os altos rendimentos e com apoio institucional técnico e financeiro. Outros camponeses relutaram a aceitar a mudança ou renegaram a essa novidade, ficando marginalizados à nova economia de produção agrícola (PARAYIL, 2003; PERKINS, 1997 *apud* GERGOLETTI 2008).

O mais famoso inseticida, conhecido como DDT (Diclo Difenil Tricloroetano) que foi descoberto pelo suíço Paul Müller em 1939, o que mais tarde lhe conferiu o Prêmio Nobel da Medicina devido sua utilização no combate à malária (PAPINI *et al*, 2014), foi também utilizado na Segunda Guerra Mundial no combate aos piolhos, prevenindo tifo em soldados.

Após a guerra iniciou-se a produção em alta escala e foi muito utilizado na agricultura como pesticida, por cerca de 25 a 30 anos. Outra função para seu uso foi em programas de controle de doenças tropicais, inclusive no Brasil, como malária e leishmaniose visceral (D'AMATO *et al* 2002).

Os efeitos indesejáveis desse e de outros pesticidas tornaram-se público em 1962, quando a bióloga americana Rachel Carson lançou o livro Primavera Silenciosa. Os Estados Unidos e o mundo ficaram cientes das consequências do DDT e de outros inseticidas de ação semelhante, mostrando que, ao exterminar massivamente insetos 'indesejáveis', quebrava um equilíbrio na natureza, com efeitos em cadeia a longo prazo. Ela comparou o efeito das pulverizações maciças do DDT ao de uma nova bomba atômica.

Rachel Carson teve a coragem de falar contra a corrente que via nos pesticidas um indiscutível bem para a humanidade, desencadeando assim um movimento que contou com apoiadores que faziam parte de uma população assustada, despertando uma consciência ecológica. Contudo, só dez anos mais tarde, a utilização do DDT nos Estados Unidos foi banida (QUEIRÓZ, 2005). No Brasil a proibição da fabricação, a importação, a exportação, a manutenção em estoque, a comercialização e o uso de diclorodifeniltricloroetano (DDT) só veio com a Lei 11.936/2009 (BRASIL, 2009).

Desde 2001, a Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA), avalia os níveis de resíduos de agrotóxicos nos alimentos de origem vegetal que chegam à mesa do consumidor por meio do Programa de Análise de Resíduo de Agrotóxico (PARA). No entanto a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) aponta em seu Dossiê de 2015 (CARNEIRO, 2015) a necessidade de fortalecer e ampliar este programa, incluindo alimentos processados, água, carne, outros alimentos *in natura*. Este mesmo

documento propõe outras ações que consideram urgentes, tais como: banir os agrotóxicos já proibidos em outros países, proibir a pulverização aérea e suspender as isenções de ICMS, PIS/PASEP, Cofins e IPI concedidas aos agrotóxicos. Por outro lado, fortalecer e ampliar políticas de aquisição de alimentos sem agrotóxico.

Este trabalho, pretende também conceituar o gênero documentário para melhor entendimento dessa escolha de filme e sua utilização em sala de aula. Para entender melhor esse gênero de filme que é o documentário, recorre-se a autores e seus conceitos sobre o assunto. Lucena (2012), para distinguir documentário de ficção, traz o exemplo de Louis e Auguste, os famosos irmãos Lumière, e o primeiro registro cinematográfico, que foi a saída da fábrica, como um acontecimento do mundo real. Diferentemente da viagem à Lua de George Méliès, o primeiro filme de ficção, em que apresenta um mundo imaginário.

Em seu livro “Como fazer documentários”, Lucena traz diversos conceitos de diferentes autores e faz um resumo definindo documentário como:

O documentário, diferente da ficção, é a edição (ou não) de um conteúdo audiovisual captado por dispositivos variados e distintos (câmera, filmadora, celular), que reflete a perspectiva pessoal do realizador, ou seja, nem tudo é verdade no documentário, envolve informações colhidas no mundo histórico, ambientações quase sempre realistas e personagens na maioria das vezes autodeterminantes (que falam de si ou desse mundo), roteiro final definido e não necessariamente com fins comerciais, com o objetivo de atrair nossa atenção (LUCENA, 2012, p.16).

Nichols (2012) define documentário pelo contraste com filme de ficção ou filme experimental e de vanguarda. Segundo ele, documentário não é uma reprodução da realidade, e sim uma representação do mundo em que vivemos.

Aspectos menos visíveis do campo do documentário dificultam definir um conceito único e abrangente que dê conta de sua complexidade e diversidade, como relata Rezende (2013) em seu livro “Microfísica do documentário”. Sob o ponto de vista do processo criativo que o produz, este autor descreve que o documentário pode ser visto como um campo de virtualizações e atualizações de questões, que se dá segundo condições determinadas de produção. Como virtualização, o documentário não tem objeto, nem sujeito prévio, o documentarista compõe os vários elementos que devem se integrar a outros. Essa dinâmica demonstra a complexidade do processo.

Pensar na utilização do cinema como instrumento pedagógico não é novidade no universo escolar. Segundo Carvalho (2003), o interesse dos educadores pelo

cinema advém dos anos 20/30. Ela afirma que o filme, já nesta época, era visto por alguns educadores como um aliado na sala de aula.

Considerava-se que o filme enriquecia o ensino por permitir um contato com o real. O uso de filmes, na sala de aula, expressa a confirmação das transformações alcançadas pela escola contemporânea e que, se proporcionou avanços tecnológicos, o mesmo aconteceu no plano didático-pedagógico (DANTAS, 2007).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais- DCN

"o profissional nutricionista deve ter uma formação generalista, humanista e crítica, capacitado a atuar, visando à segurança alimentar e à atenção dietética, em todas as áreas do conhecimento em que a alimentação e nutrição se apresentem fundamentais para a promoção, manutenção e recuperação da saúde e para a prevenção de doenças de indivíduos ou grupos populacionais, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida, pautado em princípios éticos, com reflexão sobre a realidade econômica, política, social e cultural" (BRASIL CNE/CES, 2001).

As DCN para os cursos da área da saúde e da Nutrição sinalizam para a necessidade de formar profissionais reflexivos e críticos, sendo preciso, portanto, criar novas estratégias pedagógicas que valorizem a dimensão crítica da formação, o vínculo entre as universidades e os serviços de saúde, além de uma compreensão mais ampla dos fatores presentes no fenômeno da alimentação.

A alimentação não é apenas um fenômeno biológico e expressa os conflitos e disputas presentes na sociedade. O alimento é também um produto imerso no universo capitalista do consumo e carrega consigo os rastros das relações de poder, que atuam na produção de alimentos e no sistema educacional dominante. As DCN deveriam ampliar a atuação do profissional nutricionista, sugerindo uma maior autonomia e compreensão do processo de produção de alimentos no Brasil, pois sabemos que a realidade brasileira é complexa e cercada de interesses, nem sempre favoráveis ao consumidor e benéficos para a sociedade.

Acreditamos que o aluno do curso de nutrição nem sempre entra em contato com uma discussão mais aprofundada acerca dos interesses políticos e econômicos presentes na produção de alimentos. O interesse de utilizar o documentário "O veneno está na mesa" (2011) é de compreender a produção de alimentos no Brasil, refletindo sobre as questões sociais, econômicas, políticas e de saúde, principalmente, problematizando o uso intensivo de agrotóxicos na produção.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

Apresentar, analisar e discutir, a partir da sociologia compreensiva , o contexto de produção de alimentos no Brasil utilizando o documentário “O veneno está na mesa” e suscitando essa discussão na graduação de nutrição, sob as dimensões social, formal, econômica, conceitual, pedagógica e pessoal.

2.2 Específicos

Apresentar um breve histórico sobre o início da agricultura no Brasil;

Discutir o uso didático do cinema no curso de nutrição; e

Apresentar conceitos sobre o gênero documentário.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa iniciou-se com a seleção de filmes que fossem do gênero documentário e que tivessem relação com o campo da Alimentação e Nutrição. O escolhido dentre os que tive contato foi “O veneno está na mesa”.

O próximo passo foi a transcrição do filme, tendo em vista que este tipo de filme apresenta vários dados narrados e relatos dos entrevistados. Em paralelo à transcrição, fiz uma revisão da literatura referente à temática.

O método qualitativo, segundo Minayo (2010), é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.

Pensando no campo das ciências sociais, em que a representação social corresponde tanto a uma forma de organização simbólica da realidade, como a uma via de compreensão da vida cotidiana por meio da sistematização conceitual de suas práticas e condutas, é também um modo de interpretar o senso comum, socialmente compartilhado e de investigar o que dizem os atores envolvidos em seus papéis sociais (FERREIRA, 2015).

Além da contribuição das ciências sociais na metodologia de pesquisa qualitativa, é, sobretudo, no olhar disciplinar dessas ciências, centrado na compreensão e na interpretação dos fenômenos socioculturais ligados à saúde e ao adoecimento (LUZ, 2009).

A respeito do documentário analisado neste trabalho, “O veneno está na mesa”, temos uma produção nacional, do diretor Silvio Tendler, datada de 2011, que traz a temática do uso abusivo de agrotóxico¹ no Brasil, tendo sido produzido em parceria com a “Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida”.

Essa Campanha representa um esforço coletivo, assumido por um conjunto de mais de 100 entidades nacionais, que visa combater a utilização de agrotóxicos e a ação de suas empresas (produtoras e comercializadoras), explicitando as contradições

¹ Produtos e agentes de processos físicos, químicos ou biológicos, destinados ao uso nos setores de produção, no armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas, nas pastagens na proteção de florestas, nativas ou implantadas, e de outros ecossistemas e também de ambientes urbanos, hídricos e industriais, cuja a finalidade seja alterar a composição da flora ou da fauna, a fim de preservá-las da ação danosa de seres vivos considerados nocivos. Decreto que regulamenta a lei do agrotóxico (BRASIL,2002).

geradas pelo modelo de produção imposto pelo agronegócio, que colocou o Brasil desde 2008 como o maior consumidor de agrotóxico no mundo.

Tal uso de agrotóxicos gera impactos à saúde pública porque atingem vastos territórios e envolvem diferentes grupos populacionais, como trabalhadores rurais, moradores do entorno de fazendas, além de todos os consumidores.

A Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), que também está engajada nesta campanha, lançou o Dossiê (2012), em que comprova cientificamente que o agrotóxico faz mal à saúde das pessoas e do meio ambiente, apresentando em 2015 uma versão atualizada desse Dossiê. Nesse atual, encontram-se reunidas diversas informações de trabalhos publicados em revistas nacionais e internacionais, que revelam evidências científicas e correlação direta entre uso de agrotóxicos e problemas de saúde. Essas informações foram confirmadas por diversas fontes, relatos e denúncias, no Brasil e no exterior.

A agroecologia, produção orgânica, associados ao saber camponês, que foi renegado como atrasado no período da Revolução Verde surge para valorizar estas práticas, levando ao rompimento com a monocultura, a redução de custos monetários e a ampliação de emprego no campo. Sendo a agricultura familiar representada como núcleo do desenvolvimento sustentável na área rural.

Ferreira (2015) relata que podemos pensar o cinema como modo de narrar uma história, seja ela inspirada em fatos ou ficção, recompondo os rastros da vida cotidiana. Ver um filme pode significar a busca de um mundo que nos é revelado não apenas no sentido original, pensado pelo criador da obra, mas também a partir de outros sentidos possíveis, pensados pelos sujeitos que assistem à obra.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais- DCN

"o profissional nutricionista deve ter uma formação generalista, humanista e crítica, capacitado a atuar, visando à segurança alimentar e à atenção dietética, em todas as áreas do conhecimento em que a alimentação e nutrição se apresentem fundamentais para a promoção, manutenção e recuperação da saúde e para a prevenção de doenças de indivíduos ou grupos populacionais, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida, pautado em princípios éticos, com reflexão sobre a realidade econômica, política, social e cultural" (BRASIL CNE/CES, 2001).

Buscamos aqui exercitar uma perspectiva do cinema defendida por Tendler², “fazer do cinema uma arma de luta, uma arma de reflexão, uma arma de pensamento”. Lembrando que as armas podem ser utilizadas pelos diferentes lados da questão.

Para análise, pensamos num modelo de mosaico científico proposto por Becker (1994) em que cada peça acrescentada contribui na compreensão do quadro como um todo, como diferentes fragmentos representados nas diferentes narrativas, que no caso do documentário estão presentes nas entrevistas. Este pensamento como um método de pesquisa em Ciências Sociais foi norteador para pensarmos numa discussão ampliada voltada para um olhar multidimensional do filme, representado nas seguintes propostas de dimensões:

- Social – as relações sociais acerca do alimento
- Formal – montagem, cenários, ritmo, planos, etc.
- Econômico – produção, distribuição e consumo dos filmes na lógica da indústria cultural
- Conceitual – implicações históricas, econômicas, etc
- Pedagógica – elementos para discussão em sala de aula
- Pessoal – narrativas, histórias de vida, vivências pessoais...

² Silvio Tendler, frase extraída do site Caliban- Produções cinematográficas.

4. DISCUSSÃO

Apresenta-se nesta etapa a análise proposta em conformidade com a categorização por dimensões:

4.1 Dimensão Formal

O filme “O veneno está na mesa” foi produzido em 2011 pelo diretor Silvio Tandler, tem duração de 50 minutos, pertence ao gênero documentário. Produção Caliban/Suporte: EPSJV-FIOCRUZ. Encontra-se disponível no *Youtube*.

O domínio discursivo usado na linguagem documental possui características próprias, envolve informações colhidas no mundo histórico, ambientações quase sempre realistas e personagens na maioria das vezes autodeterminantes, roteiro final definido, com o objetivo de atrair nossa atenção (LUCENA, 2012).

Este documentário foi produzido em parceria com a “Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida”, composta por entidades da sociedade civil brasileira, movimentos sociais, entidades ambientalistas, estudantes, organizações relacionadas com a área da saúde e grupos de pesquisadores.

Sua 1ª cena traz a mensagem de que desde 2008 o Brasil é o maior consumidor de agrotóxico do mundo e apresenta cartaz (foto 1) abaixo:



Figura 1: Foto da Capa do DVD do filme “O veneno está na mesa”

Vários entrevistados contribuíram para realização deste documentário, a saber, agricultores, jornalistas, agrônomos, professores, pesquisadores, médicos, nutricionista, representantes da ANVISA, FIOCRUZ e representante do senado.

O diretor faz uso em seu roteiro dos meios de comunicação, rádio e televisão (foto 2), para transmitir os relatos das denúncias.

De acordo com Tandler, a estratégia para a utilização de material nos meios de comunicação teve como objetivo validar as palavras do filme com os textos e direções dos meios de comunicação, já legitimadas (SANTOS, 2012).

A 3ª cena- 2'06'' mostra a seguinte entrevista de rádio:

“São vários os princípios ativos banidos na maior parte do mundo que circulam impunemente no Brasil, porque o lobi dos agrotóxicos que é poderoso que movimentam recursos furtosos, o Brasil é o campeão mundial de agrotóxicos, nenhum outro país pulveriza na lavoura tanto agrotóxico quanto o nosso, esse setor movimentou ano passado mais de 7 bilhões de dólares em venda de produtos. Questiona na justiça com sucessivas petições, com embargos, protelando processos, então a reavaliação toxicológica da ANVISA fica amarrada as injunções do judiciário. O que que está em jogo agora? Está para ser decidida nos próximos dias, a forma como o Brasil se posiciona em relação ao princípio ativo chamado metamidofós, questiona a resolução da ANVISA proibindo a venda e o uso de metamidofós no Brasil, o que que é esse palavrão? É o princípio ativo de um agrotóxico usado nas lavouras de soja, de batata, de feijão, tomate, trigo e algodão. Quais são os problemas causados pelo metamidofós, entre outros, atinge o sistema nervoso central, danos de memória, lapso de memória em crianças, perda de movimentos, prejudica o movimento das crianças principalmente, reduz a imunidade do organismo, causa desregulação hormonal, sistema reprodutor pode ser comprometido, pode haver complicações no embrião das gestantes, ou seja, é um veneno que foi proibido em países como Estados Unidos e China que vejam são bem diferentes na forma como vetam circulação de produtos, países da comunidade europeia toda e países da África, mais uma vez são países bem distintos na forma como vetam circulação de produtos. O Brasil tolera.” Narração da rádio, 3ª cena do filme O veneno está na mesa, transcrita por TERRA, V.B.

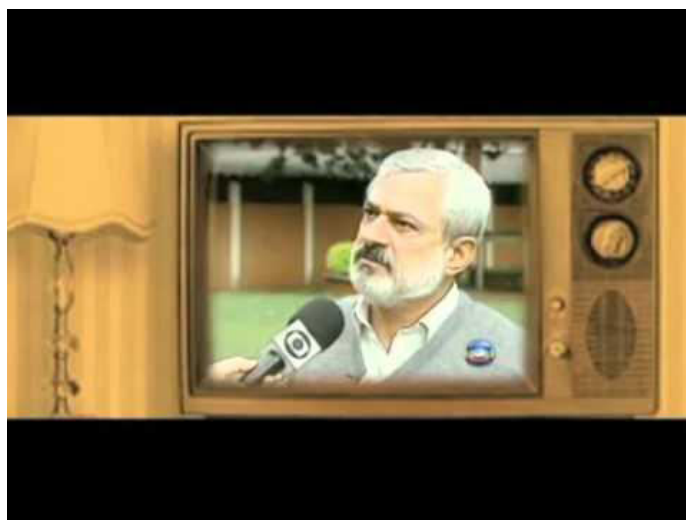


Figura 2: Televisão - do filme O veneno está na mesa, extraída do google

As cenas se intercalam entre os fatos narrados e as entrevistas que são realizadas no ambiente de trabalho, no caso do agricultor na própria lavoura, ou nos escritórios dos técnicos e especialistas.

O objetivo do filme é denunciar o uso abusivo dos agrotóxicos e seus impactos na saúde do trabalhador, da população e do meio ambiente.

4.2 Dimensão social

No documentário “O veneno está na mesa”, Silvio Tandler levanta bandeiras importantes acerca dos impactos sociais que o uso excessivo dos agrotóxicos traz para a vida dos brasileiros em diversas perspectivas. Por meio de uma explicação que faz referências históricas, o documentário mostra os impactos que os pacotes de sementes modificadas e agrotóxicos trazem para a vida dos agricultores.

Nessa apresentação, o diretor traça os caminhos desde a introdução destes gêneros na produção até o momento no qual estes agricultores assimilam e percebem as dificuldades de se libertarem dessa relação de dependência que sua produção passa a ter com essas grandes corporações.

Toda a relação culturalmente herdada entre produtores e produção é alterada a partir da “Revolução verde”. O progresso, o aumento e melhoria da produção são os signos demagógicos usados pelas grandes corporações, e o filme procura mostrar o surgimento e a evolução dessa relação de dependência entre esses produtores e essas grandes corporações.

A partir do documentário podemos desmitificar um pouco algumas construções imaginárias acerca da relação de pequenos produtores com suas produções. Podemos ver também a luta entre diferentes forças políticas e econômicas em torno da produção de alimentos. A abordagem multidimensional que o autor procura estabelecer parece ter o objetivo de apresentar ao espectador diferentes ângulos, das disputas que ocorrem no de entrada âmbito da produção de alimentos no Brasil. E a questão do uso de agrotóxicos aparece como o fio condutor.

Nesse sentido, o filme traz ainda a questão do desaparecimento das sementes crioulas, nativas de uma produção mais artesanal e problematiza os prós e contra que essa troca pela produção estruturada no modelo das grandes empresas fabricantes de agrotóxico. O desejo do agricultor de aumentar sua produção e, conseqüentemente, seus lucros, a relação entre aumento de produção e queda nos preços de prateleira

dessa produção, promovendo, em tese, a oferta e o acesso a alimentos, os vínculos de dependência que essas empresas transnacionais criam entre elas e a produção que passa inclusive pela questão econômica, no momento em que as concessões de crédito estão atreladas ao vínculo com essas empresas. E ainda a questão que intitula o filme, sobre a qualidade do alimento que chega às nossas mesas.

Tendler procura levantar a reflexão acerca dessa qualidade do que chega à nossa mesa, em diferentes dimensões, pensando, nos diversos custos que envolvem essa qualidade. Os custos ambientais, os custos econômicos, os custos culturais, os custos sociais, os custos para a saúde humana, o que está bem claro nas palavras do jornalista e escritor Eduardo Galeano, o primeiro entrevistado do filme:

“A história da América Latina é a longa história da perda, da desocupação, do roubo dos recursos naturais. E a consciência da necessidade de preservar esses recursos, de defender esses recursos, não é tão acelerada quanto o processo de roubo que continua, os ladrões são mais rápidos do que a gente, são mais velozes do que nós. Um exemplo mais revelador de todos mais indiscutível de todos, a propósito desse divórcio entre a natureza e os Direitos Humanos é o que acontece com os Agrotóxicos, que está sendo permitindo esses venenos contra a natureza em países que tem governo progressista, em nome da produtividade, de critérios economicistas. E o que é o progresso humano? O que acontece com a terra? O que acontece com a gente? A terra e a gente são muito mais importantes do que a produtividade. Então dá essa contradição em governo que tem a política progressista e que aceitam o agrotóxico como uma necessidade inevitável, sem perceber que tem ali uma certa traição nos princípios ligado a saúde humana”^{2a} cena – Eduardo Galeano.

4.3 Dimensão Econômica

Para entender a proporção do tamanho dessa dimensão, partiremos do panorama mundial, segundo Ziegler:

Atualmente, as duzentas maiores sociedades do ramo agroalimentar controlam cerca de um quarto dos recursos produtivos mundiais. Tais sociedades realizam lucros geralmente astronômicos e dispõem de recursos financeiros bem superiores os dos governos da maioria dos países onde elas operam. Exercem um sobre o conjunto da cadeia alimentar, da produção à distribuição varejista, passando pela transformação e a comercialização dos produtos, do que resulta a restrição das escolhas de agricultores e consumidores.(ZIEGLER 2013,p.151)

Este mesmo autor denomina como “os gigantes do agronegócio” as principais sociedades transcontinentais agroalimentares³, pelo fato de controlarem além do preço

³ Apenas dez sociedades, entre as quais a Aventis, Monsanto, Pioneer e a Syngenta- controlam um terço do mercado mundial de sementes, e 80% do mercado dos pesticidas. Dez outras sociedades, entre as quais a Cargil, controlam 57% das vendas dos 30 maiores varejistas do mundo. E seis empresas

e comércio dos alimentos, também as sementes, adubos, os pesticidas, a estocagem, os transportes etc..

As empresas transnacionais fabricantes de agrotóxicos (BASF, Bayer, Dupont, Monsanto, entre outras) têm grande interesse em que cada vez mais o uso desses “venenos” seja propagado para manter e aumentar seus lucros.

Elas criam laços de dependência entre as tecnologias exclusivamente oferecidas por elas e o produtor, sob o manto do discurso de uma produção de alimentos rentáveis – sem perdas expressivas na colheita e transporte e, reduzindo os agravos das pestes comuns nas lavouras – mas que, no entanto, aliena o produtor de suas técnicas e bases nativas de produção.

Dessa forma, o uso dos agrotóxicos tem sido um investimento para garantir uma produção de alimentos cada vez maior, gerando lucros e produtividade para o setor.

A discussão do ponto de vista econômico abarca ainda a possível introdução de alimentos orgânicos como solução para a diminuição do uso dos agrotóxicos. Mas, há muitos entraves quanto a essa questão, pois os alimentos orgânicos possuem menor durabilidade, acabam por ter sua produção e transportes mais caros – sobretudo – devido ao maior percentual de perdas – além de serem de difícil acessibilidade. Apresentam um preço mais elevado e são de difícil disponibilidade para o mercado consumidor.

Um dos depoimentos do documentário salienta que, para que os alimentos orgânicos fossem produzidos para atender a toda a população brasileira, seria necessária uma extensão territorial equivalente a 3 a 4 vezes o tamanho de todo o território brasileiro, dito em audiência pública pela Senadora Kátia Abreu – DEM / TO:

“O grande responsável pelo motivo dessa audiência pública é o autor de uma entrevista no jornal *Le Monde Diplomatique*, que publicou uma entrevista bastante prejudicial ao país: Brasil envenenado e o subtítulo: Alimentos contaminados. Então a partir do momento que um diretor da ANVISA que é responsável em avaliar, aprovar ou não, os defensivos para agricultura, genéricos ou não, faz uma declaração dessas na imprensa, ele tinha a obrigação de vir se justificar no Senado Federal. Elas estão dando prejuízo ao patrimônio Nacional. Essas pessoas esquecem que elas também comem e que querem comer barato. Se ele tem um bom salário na ANVISA, não é o caso de milhares e milhares de brasileiros que ganham salário mínimo ou não ganham nada e que portanto precisam comer comida com defensivo sim, infelizmente, que é a única forma de comer alimentos mais

barato. Se nós pudéssemos produzir orgânico para todo o Brasil e para o mundo, nós precisaríamos no mínimo, eu nunca fiz essa conta, de 3 Brasis ou 4, daí pra mais, para produzir o mesmo tanto para os brasileiros e exportar. Então eu não compreendo onde essas pessoas querem chegar. Elas querem atingir quem? As pessoas pobres que não podem comer comida cara? Ou eles estão revoltados porque o Brasil diminuiu o preço da compra da comida em uns 1000%? 40 anos atrás, senhor presidente, o trabalhador brasileiro gastava 50% da sua renda com comida, hoje gastam 18%, se não nos atrapalhassem os agricultores poderiam estar aí fazendo custar 12% da renda do trabalhador. É a burocracia para dificultar a vida da maioria e beneficiar uma pequena minoria. E o pior de tudo isso, o mais desonesto, é que a bandeira é bonita, é da saúde humana em jogo, a população toda fica do lado deles.” 21ª cena – Senadora Kátia Abreu.

Enquanto não há solução para o problema em questão, a produção de alimentos continua a movimentar cifras exorbitantes associadas ao uso dos agrotóxicos, que acabaram por se tornar fundamentais para garantir a produtividade assegurando a parte destinada à exportação, inclusive.

Do ponto de vista econômico relacionado à distribuição do filme, “O veneno está na mesa” não se propõe a ser um campeão de bilheteria para arrecadar milhões em dinheiro, nem gerar lucros ao seu autor e produtores com a venda de seu DVD. São filmes encomendados com a proposta didática nesse caso de servir de alerta e de reflexão para a temática do uso dos agrotóxicos na produção de alimentos. Podemos atestar isso já na contracapa do DVD, em que aparecem escritas as mensagens: “Reproduzir e distribuir livremente” e “A reprodução parcial ou total desta obra é permitida desde que seja usada para fins não comerciais e que seja citada a fonte”.

Quanto à temática tratada no documentário, essa sim tem fortes aspectos econômicos envolvidos. Em contraposição à produção do documentário, a produção de alimentos envolve profundo impacto econômico. Em diversos momentos do documentário, evidenciam-se os históricos interesses econômicos da iniciativa pública e privada neste setor.

4.4 Dimensão Conceitual

Bourdieu (1989), no campo das ciências sociais, conceitua capital simbólico, como aquele exercido por quem tem conhecimento, prestígio sendo atribuído aos que possuem. Este autor nos apresenta como classe dominante a que tem o poder pautado

no capital econômico, o que está bem evidente no filme, mas, em contrapartida, encontramos alguma resistência a esse modelo.

Pode-se ressaltar que a preocupação com o comércio de alimentos é muito forte por considerar uma necessidade essencial, mas vale a pena destacar que o ato de comer transcende a necessidade biológica: há todo um aspecto cultural, subjetivo e afetivo de relações e laços envolvidos neste ato. O que o diretor deixa bem claro quando o filme se aproxima do final ao apresentar a história de Adonai.

A palavra Adonai em hebraico significa ele, como se designa Deus, cujo o nome não se pronuncia. Aqui no Brasil, no Rio Grande do Sul, Adonai é um agricultor que reinventa o mundo a sua maneira, tudo que lhe apresentam como verdade, Adonai questiona. No mundo da Monsanto, Dow, Bayer, Basf, Dupont, Syngenta, Adonai pratica agricultura orgânica sem transgênico, enfrenta o banco que só dá crédito a quem planta transgênicos e tem como garantia de colheita da safra o uso de herbicidas e pesticidas. Nosso Adonai desafia as transnacionais que lucra bilhões com os seus venenos, baseado na sua história familiar, Adonai reinventou o milho crioulo. Existe uma porta de saída, Adonai aponta.^{41ª} cena.

Adonai é agricultor em Sanga dos Índios em Iraí/RS, relata como conseguiu produzir o milho crioulo:

“Eu me lembrei lá de trás, do tempo de meu pai, quando tinha sementes crioulas. Por que não pode tentar fazer isso hoje? Eu mais um colega que se formou em agrônomo, dissemos vamos tentar fazer uma semente aqui em sua propriedade, daí nós tínhamos que depender do milho híbrido com outro, daí fazer o enxerto pra fazer o cruzamento, daí pra tirar para plantar a segunda planta. Eu usei 11 variedades de milho, fiz uma mistura, peguei um milho comum que eu comecei encontrar, daí peguei mais híbridos e misturei tudo, daí eu fui selecionar. Levei 3 anos que eu consegui fazer esse milho certo.”^{42ª} cena –Adonai I. S.. dos Santos –agricultor.

Como diz Bahiana (2012), “um filme é uma encruzilhada de elementos contraditórios”. Ao se pensar num filme e em todas as suas dimensões, pode parecer estranho pensar naquela realidade construída e que em alguns momentos parece estar tão próximo de nós por alimentarem nossa imaginação ou ainda quando nos deparamos com cenas que realmente descrevem a realidade por meio da necessidade de expor e de discutir tal temática. O filme pode estar se equilibrando entre a arte e o comércio, mas a nós, espectadores, interessa a análise de como aquele projeto se definiu.

Entender a ideia, o que se quer com aquele projeto, se a criatividade ou a responsabilidade está sendo colocada na mesa, ou melhor, na tela; ou, na tentativa de analisar aquela propriedade intelectual e suas implicações subjetivas, psicológicas,

culturais entre outras, a necessidade de a narrativa do filme ser clara, mas também dotada de empoderamento para que possa prender a atenção do telespectador, concordando ou discordando, e a partir deste momento iniciar a discussão sobre o tema. Como é comum nos casos de documentários, muito utilizados como ferramentas para introduzir ou fomentar a discussão sobre uma temática.

A elaboração de um filme ou documentário não acontece por meio de uma ciência exata, mas sim da necessidade de clareza, de ação e de profundidade em relação a uma temática. Entretanto, esse conceito precisa ser questionado, se a forma que essa história será contada a faz interessante, se há contrapontos ou ainda como será recebida quando da sua divulgação, até porque um documentário pode gerar muitas controvérsias de acordo com os interessados. Talvez para um documentarista, o mais importe seja o impacto da divulgação de seu filme e ainda as discussões que serão desencadeadas por levantar esta ou aquela temática, do que, propriamente, os valores de bilheteria.

De qualquer forma, esse profissional também se preocupa com a qualidade de seu trabalho e do que será apresentado, então suas conceitualizações e visualizações sobre locações e personagens, que geralmente são do mundo real, como o que acontece no filme “O veneno está na mesa”(2011) com a temática do uso de agroquímicos, seus benefícios (se é que podemos assim chamar) e malefícios se confrontando o tempo todo por meio dos discursos de atores reais, que são representados desde simples agricultores a agricultores de maior porte e ainda de profissionais da área de saúde, de jornalistas, de órgãos regulamentadores, da área da agricultura, de políticos, de pesquisadores e ainda da indústria que produz pesticidas.

Toda a produção cinematográfica inicia com o que está traçado no planejamento do diretor, mas quando a câmera começa a gravar e os atores são reais, algo imprevisto, como um simples comentário ou um gesto, pode acontecer e se incorpora à cena (ou não), de acordo com os interesses dessa produção. É importante ressaltar que este fato traz mais uma oportunidade de que o material seja melhorado ou corrigido, dando uma forma final ao trabalho e, neste momento, pode-se ou não alterar sequências inteiras de um filme clareando ou mascarando o que quer que seja visto.

A temática de um filme como “O veneno está na mesa” (2011) atrai um público que se identifica e, ao vê-lo, transforma-se num exercício criativo identificando o que mais lhe atraiu ou ainda que sentimentos lhes foram estimulados,

pois nesse momento o mundo clama por atividades mais saudáveis e sustentáveis e ainda o maior detalhe, fala-se do alimento que deveria ser saudável e vem a grande questão: o uso do agroquímico (certo ou errado?) e seus infinitos questionamentos, e o que pode acontecer...

Podemos dizer que acreditamos em praticamente tudo, mas um filme pode nos prender ou não. Essa história é impulsionada pela tríade da saúde, dos alimentos e da venda comercial destes (e da saúde) porque se faz clara a incidência de enfermidades pelo uso nas agriculturas e pelo consumo de produtos deste tipo de cultivo, hoje denominado convencional, por ser o que tem atendido à grande demanda de consumo.

Os relatos reais no filme explicam esse mundo, muitas vezes justificam (ou tentam) suas ações e buscam esclarecer o universo físico e emocional em que se encontram esses personagens, suas tensões e conflitos, e é isso que torna mais atraente, envolvente e interessante, pois há uma razão de ser nessa discussão que cria um diálogo entre o produto e o espectador.

O alimento precisa ser visto ao longo do discurso, desde a produção ao consumo, entendendo sim a modernidade e a aceleração que se dá a rotina diária, mas há outras relações, que não só a do trabalho nesse ciclo da vida, mas também a familiar e nesta podemos ressaltar um pouco de tradição, do valor que se dá à comida e ao ato de se alimentar. Portanto, no filme que discorre sobre a temática do uso de agroquímicos, pode-se identificar duas vertentes: problemas no cultivo (descuido com a saúde dos trabalhadores), em que recebemos produtos considerados não conformes ou com grande preocupação de venda e não de saúde e problemas na saúde devido à falta de preocupação com o consumidor, que também pode levar à necessidade de cuidados com a sua saúde.

Ao permitir que o filme dialogue conosco, é claro que percebemos que essa relação se influencia por nossa história de vida, memória afetiva e vivências pessoais, até porque ele está repleto de elementos que estimulam, intrigam provocam e nos emocionam e é por este motivo que vemos essas imagens na forma e na ordem diferente de outro, por causa da importância que damos aos acontecimentos.

4.5 Dimensão Pedagógica

Nesta dimensão, utilizarei dos conceitos de Duarte (2002) em Cinema & Educação em que a autora cita essa antiga relação do cinema e escola e que ainda não

reconhecida como parceira na formação geral das pessoas. Salienta que é necessário estar atento para compreender a pedagogia do cinema, suas estratégias e recursos utilizados para seduzir um número considerável de pessoas.

Cada vez mais o cinema tem sido utilizado como recurso pedagógico em diversas áreas de estudos para enriquecer e/ou diversificar uma aula, ilustrar determinado evento, ou ainda, para recriar um cenário histórico. Adicionalmente, devemos lembrar que o filme é sobretudo uma obra de arte e que como qualquer forma de arte, a produção cinematográfica possui um fazer específico, ligado a uma determinada estética e estilo. Um filme é o fruto de uma época e da personalidade de um determinado artista, o cineasta; possuindo valor potencialmente documental; e considerando os conhecimentos e saberes contidos nos filmes, transcendemos o uso do cinema e do audiovisual como ilustração, motivação e exemplo. É importante salientar que assistir a filmes e interpretá-los implica, fundamentalmente, em perceber o significado que eles têm no contexto social do qual estão inseridos.

A utilização do cinema como metodologia de aula, no campo da Nutrição oferece espaço para discussão acadêmica sobre a importância da sétima arte como forma de aproximação dos alunos, a sociedade, e as diferentes culturas alimentares e suas formas de comensalidade. A partir do cinema, atividades interdisciplinares que envolvem a alimentação e a nutrição se consolidam, instigando os acadêmicos acerca da relevância da utilização de filmes como ferramenta de abordagem alimentar e nutricional, criando assim uma visão ampliada e multidimensional, ampliando as perspectivas de história, cultura e políticas alimentares.

O tema Alimentação e Nutrição é muito amplo e deve ser discutido em diversos aspectos; a partir do documentário "O veneno está na mesa" (2011), podemos pensar sobre o perigo do emprego do uso dos agrotóxicos na agricultura e como esse modelo gera benefícios para as grandes transnacionais e principalmente, o uso do veneno em detrimento à saúde da população.

Neste filme, podemos observar também os riscos à saúde pública e aos trabalhadores da lavoura devido à manipulação do veneno e à população que está se alimentando mal e perigosamente em função do agronegócio. A obra cinematográfica enfatiza a quantidade de produtos químicos que nós consumimos, em média, 5,2 litros de agrotóxicos por ano. E isso também pode proporcionar vários debates da alimentação em relação aos danos à saúde, como má formação fetal, doenças neurológicas, diversos tipos de câncer, etc.

A partir do filme, podemos levantar alguns questionamentos acerca da segurança e da qualidade dos alimentos que consumimos:

No que pensamos quando nos deparamos com as lindas frutas, verduras e legumes expostos em feiras e supermercados? Muitos podem responder sobre a importância deste tipo de alimento para uma vida mais saudável, dos valores nutricionais essenciais para o corpo, dos diversos e deliciosos pratos que podem ser preparados com os mesmos. No entanto, pensar sobre o processo produtivo dos alimentos e na possibilidade de contaminação dos mesmos por agrotóxicos também é preciso. O filme ressalta uma comparação entre as qualidades nutricionais de frutas e vegetais e os efeitos dos agrotóxicos, presente na narrativa abaixo:

Cenoura – rica em vitamina A contribui para o bom estado da visão da pele e das mucosas, a cenoura contém sais minerais como fósforo, cloro, potássio, cálcio e sódio e vitaminas do complexo B que ajudam a regular o sistema nervoso e a função do aparelho digestivo. Entre os agrotóxicos encontrados em amostras de cenoura colhida estão acefato, metamidofós, clorpirifos, dimetoado, profenofós.

Tomate - são as fontes mais ricas em licopeno, antioxidante que combatem os radicais livres retarda o envelhecimento e protege contra o câncer de próstata. Amostras encontradas nos tomates analisados a presença do aldicarb o mais tóxico inseticida conhecido para mamífero. Também é usado ilegalmente nas cidades como raticida.

Pimentão- anti-inflamatório, digestivo, estimulante para a circulação, rico em vitamina C. Foram identificados 22 ingredientes ativos dos quais 18 não estão autorizados para vender. Os princípios ativos não autorizados: profenofós, sipermitrina, endosulfan, landersianitrina e dicloform. Possuem classe toxicológica II, altamente tóxico.^{32ª} cena

A discussão da relação entre os agrotóxicos e a nutrição vai além da defesa de uma boa alimentação confrontada com o consumo de alimentos infectados por esses insumos. Quando falamos sobre alimentação adequada, não se diz respeito somente ao sentido nutricional, mas também à cultura da população e ao meio ambiente.

No filme, encontramos relatos de que os agrotóxicos são encontrados até no leite materno. Que não só as hortaliças e frutas estão contaminadas, mas o trigo, a soja e os grãos também estão submetidos a esses venenos. Logo os sanduíches, a pizza, o arroz com feijão, o café e todos os alimentos não orgânicos fornecerão altos níveis de agrotóxicos ao nosso organismo. O filme mostra também que os alimentos mais infectados pelos venenos são: pimentão, mamão, uva, abacaxi, pepino, morango, couve, beterraba e tomate. Adicionalmente, vale enfatizar que não adianta lavar ou ferver os alimentos, pois essas substâncias penetram nos mesmos.

Além da contaminação dos alimentos, o filme também remete à contaminação do solo e do meio ambiente. Do solo, esses venenos passam para outros ciclos de vida, como os rios, o ar, lençóis freáticos e chuvas.

O filme termina mostrando que mesmo com o atual modelo de agricultura no Brasil, sendo dominado pelas multinacionais e pelo uso desenfreado de venenos, nem tudo está perdido. O mesmo passa que a principal alternativa para reverter essa situação seria a agroecologia, prática que se refere ao uso do solo de forma a respeitar a natureza e combater a destruição provocada pela agroindústria. A agroecologia defende formas de produção que respeitam o meio ambiente e a sustentabilidade, sem o uso de agrotóxicos, agroquímicos e máquinas pesadas, diferentemente da agroquímica.

Ao final de exibição do filme, os alunos podem participar de uma roda de conversa, para analisar e refletir sobre o que estão comendo e discutir o modelo de agricultura que queremos e se a mesma seria viável. A projeção de um filme oferece inúmeras possibilidades pedagógicas; pois, as artes auxiliam na formação do indivíduo, mobiliza a expressão e a comunicação pessoal; intensifica as relações das pessoas com seu mundo interior e exterior; auxilia na compreensão da diversidade de valores que orientam tanto seus modos de pensar e agir como os da sociedade; e ainda favorece o entendimento e a imaginação humana, tornando o indivíduo capaz de perceber sua realidade cotidiana mais nitidamente, decodificando símbolos, sons e movimentos que estão à sua volta.

Para concluirmos, mas ao mesmo tempo dando continuidade às reflexões sobre o enredo do cinema dentro do processo ensino-aprendizagem, a partir de Rosália Duarte, podemos seguir tratando o cinema em relação a Alimentação e Nutrição de forma extrapolada ao recurso didático para o ensino, entendendo que a educação e o cinema são formas de socialização dos indivíduos e instâncias culturais que produzem saberes, identidades, visões de mundo e subjetividades.

4.6 Dimensão Pessoal

Baseado em Foucault, temos que lembrar que em toda a sociedade a produção do discurso é, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de

procedimentos, para conjurar poderes e perigos. Não é simplesmente o que traduz as lutas, mas aquilo pelo que se luta, pelo o que se quer apoderar (FOUCAULT, 1970).

O filme em forma de documentário nos faz refletir acerca de uma grande polêmica que desemboca em uma dualidade. De um lado, o uso desenfreado de agrotóxicos nas lavouras expõe o consumidor ao risco pela ingestão crônica dessas substâncias e de outro lado a impossibilidade de viabilizar a produção e distribuição de alimentos orgânicos, portanto, sem o uso de agrotóxicos.

Há que se pensar em um ponto de equilíbrio entre o uso de agrotóxicos e a necessidade de se produzir alimentos seguros – entendidos aqui por alimentos livres de intoxicação química. Se os alimentos orgânicos têm sua produção inviável para que toda a população tenha acesso de fato, eles não poderiam ser apontados dessa forma como a solução para o problema.

A expansão da agricultura no Brasil tem beneficiado muito mais às empresas de sementes transgênicas, fertilizantes e agrotóxicos do que os próprios agricultores, pois esses são apenas clientes. Portanto, não adianta imediatismo para apontarmos culpados sem avaliar os verdadeiros interesses políticos e econômicos que envolvem o contexto.

Como encontrar, então, esse equilíbrio? Diminuir o uso de agrotóxicos e perder em produção seria um retrocesso? Desenvolver defensivos agrícolas que causassem menos danos à saúde humana seria um caminho viável?

O que torna realmente a situação inaceitável, por exemplo, o que foi relatado no filme pelo diretor a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, José Agenor:

Nós já pegamos resíduo de agrotóxico em cultura que aquele agrotóxico não é autorizado, já pegamos resíduo de agrotóxico em cultura que é autorizado, mas está muito acima do permitido e já pegamos resíduo de agrotóxico que não é permitido no Brasil” 22ª cena- José Agenor Alvares da Silva.

Além do exposto, é necessário respeitar o período de carência, ou seja, o período entre a aplicação de cada um desses ingredientes ativos e a colheita.

As respostas às nossas indagações vieram três anos mais tarde, quando o mesmo diretor, Silvio Tandler, produziu “O veneno está na mesa 2” (2014), onde apresenta várias experiências com agroecologia, mostrando alternativas viáveis de produção de alimentos sem a utilização de defensivos agrícolas.

Dessa forma, podemos notar que a maioria dos agricultores ainda não possuem conhecimentos sobre os efeitos nocivos causados por "aquilo" que eles usam para “proteger” suas plantações. Pois, não utilizam equipamentos de proteção adequados,

não respeitam às regras de uso e são carentes de assistência técnica. Além disso, a venda dos agrotóxicos é livre e sem controle. Os agricultores também não parecem que possuem esclarecimentos sobre o prazo que o princípio ativo permanece agindo no alimento. Dessa forma, acabamos ingerindo um alimento que ainda está sob o efeito dos "venenos". Vale lembrar que os princípios ativos dos agrotóxicos possuem efeito cumulativo. A longo prazo, podem surgir disfunções e problemas no sistema nervoso, doenças cancerígenas ou ainda alterações fetais e hereditárias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa de trazer para academia a discussão sobre a produção de alimentos de no Brasil utilizando a 7ª arte foi a maneira encontrada para chamar atenção de um problema que necessita ser debatido na sociedade como um todo e, principalmente, com profissionais da área.

A ciência nos permite trabalhar com diferentes conceitos e autores, facilitando um olhar mais ampliado e crítico sobre o que vemos na tela. Pensar no filme como porta de entrada em determinado tema tem sido explorado por várias áreas de estudo, cada qual com sua autonomia em desenvolver o seu próprio método.

A arte e a ciência avançam quando permitem o estranhamento do que está posto e propõem possibilidades de entender o diferente, o desconhecido, o novo.

O cinema é uma importante ferramenta para retratar e problematizar diversas questões em diferentes campos de saber. É também um excelente recurso pedagógico, podendo trazer para espaços educacionais ambientes e contextos pouco palpáveis ou de difícil acesso.

Pode ainda ser uma interessante fonte de pesquisa, um veículo de defesa de bandeiras, um mecanismo desencadeador de diversas memórias afetivas. São inúmeras as possibilidades e nuances que o cinema pode obter. Por isso, associar o cinema a um recurso didático, problematizar tanto os modos de olhar para o cinema quanto seus usos podem ser caminhos interessantes para ampliar os limites da pesquisa científica a partir de uma fonte tão específica.

Apresentar o filme nas diferentes dimensões é uma contribuição para uma visão mais plural do documentário, abrindo assim uma nova perspectiva do uso do cinema em sala de aula, a fim de superar a dicotomia verdade x ficção, é olhar para a arte como objeto de análise e como fonte de pesquisa.

6. REFERÊNCIAS

BAHIANA, A. M. Como ver um filme. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BECKER, H.S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Editora HUCITEC, 1994.

BOURDIEU, P.O Poder Simbólico. Editora Bertrand Brasil S.A.1989.

BRASIL (2001). Ministério da Educação. Resolução CNE/CES no 5, de 7 de novembro de 2001. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Nutrição.**

BRASIL (2009). Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei 11.936, de 14 de maio de 2009. **Proíbe a fabricação, a importação, a exportação, a manutenção em estoque, a comercialização e o uso de diclorodifeniltricloreto (DDT) e dá outras providências.**

BRASIL (2014) Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei 13006 de 26 de junho de 2014. **Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica.**

PRADO JÚNIOR, C. História Econômica do Brasil. Editora Brasiliense. 22ª ed. São Paulo, SP, 1979.

CARVALHO, E.J.G. Conhecimento da história e da educação: o cinema como fonte educativa. Revista do Programa em Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, ano 10, n.2, Dez/2003, p.183-193, (ISSN-0104-8481).

CUNHA, C.G.M. Campesinato brasileiro: origens e ressignificações de um modo de vida tradicional. UNIMONTES. Montes Claros, MG, 2012.

DANTAS, A.L. O cinema como ferramenta pedagógica no ensino médio. Faculdade Pitágoras de Londrina. Dez/2007.

D'AMATO, C. TORRES, J. P. M. MALM, O DDT (Dicloro Difenil Tricloetano): Toxicidade e contaminação ambiental – uma revisão. Quím. Nova vol.25 no. 6 São Paulo Nov./Dec. 2002.

DUARTE, R. Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CARNEIRO, F. F. (Org.) Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015.

FERREIRA, F.R. et.al. Consumo, Comunicação e Arte. Série Sabor Metrópole. Vol.3 CRV. Curitiba, PR, 2015.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 12ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

GERGOLETTI, I.F. Produção de Alimentos: uma análise comparativa de cenários na perspectiva da sustentabilidade ambiental. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção- Universidade Metodista de Piracicaba, SP, 2008.

LUCENA, L.C. Como fazer um documentário: Conceito, linguagem e prática de produção. Summus. São Paulo, SP, pág.16, 2012.

LUZ, T.M. Especificidades da Contribuição dos Saberes e Práticas das Ciências Sociais e Humanas para a Saúde, 2009.

MINAYO, S.C.M. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. 12ª ed. HUCITEC. São Paulo, SP, 2010.

NEVES, P.D. Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil. MDA. UNESP. São Paulo, SP, 2008.

NICHOLS, B. Introdução ao documentário. Papirus. Campinas, SP, pag. 47, 2012.

QUEIRÓZ, C. Ambiente: DDT e outras histórias se horror. Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, 2005.

REZENDE, L.A. Microfísica do documentário – Ensaio sobre criação ontológica do documentário. Azougue. Rio de Janeiro, RJ, pag.18, 2013.

SANTOS, S. Novas escrituras e mediações em saúde, “O veneno está na mesa”. RECIIS - R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 90-94, 2012.

VANOYE, F. GOLIOT-LÉLÉ A. Ensaio sobre a análise fílmica. 7ª ed. Papirus. Campinas, SP, 2014.

WOLLZ, L.E.B. (Org) Percepções de infância e juventude no campo. CRV. Curitiba, PR, p.14, 2014.

ZIEGLER, J. Destrução em massa- Geopolítica da fome. Cortez. São Paulo, SP, 2013.

7. ANEXOS



Foto1- cartaz do filme

7.1. Ficha Técnica / Sinopse

O documentário “O veneno está na mesa, trata-se de uma denúncia sobre o uso abusivo de agrotóxico no Brasil, com o objetivo de mostrar a população os riscos que acarreta à saúde do agricultor, do meio ambiente e da população que consome alimentos com veneno.

Título	O Veneno Está na Mesa (Original)
Ano produção	2011
Dirigido por	Silvio Tandler
Estreia	25 de julho de 2011 (Brasil)
Duração	50 minutos
Gênero	Documentário
Países de Origem	Brasil

7.2. Transcrição do filme: O veneno está na mesa

1ª cena – cartaz da Campanha Permanente Contra o Agrotóxico e pela Vida – foto da pulverização aérea de agrotóxico no prato de comida. Abaixo da foto a seguinte frase: Cada brasileiro consome em média 5,2 litros de agrotóxicos por ano. Até quando vamos engolir isso?

2ª cena- 15” - **Eduardo Galeano**- jornalista e escritor

A história da América Latina é a longa história da perda, da desocupação, do roubo dos recursos naturais. E a consciência da necessidade de preservar esses recursos, de defender esses recursos, não é tão acelerada quanto o processo de roubo que continua, os ladrões são mais rápidos do que a gente, são mais velozes do que nós. Um exemplo mais revelador de todos mais indiscutível de todos, a propósito desse divórcio entre a natureza e os Direitos Humanos é o que acontece com os Agrotóxicos, que está sendo permitindo esses venenos contra a natureza em países que tem governo progressista, em nome da produtividade, de critérios economicistas. E o que é o progresso humano? O que acontece com a terra? O que acontece com a gente? A terra e a gente são muito mais importantes do que a produtividade. Então dá essa contradição em governo que tem a política progressista e que aceitam o agrotóxico como uma necessidade inevitável, sem perceber que tem ali uma certa traição nos princípios ligado a saúde humana.

3ª cena- 2’06” **rádio** (entrevista) – São vários os princípios ativos banidos na maior parte do mundo que circulam impunemente no Brasil, porque o lobi dos agrotóxicos que é poderoso que movimentam recursos furtivos, o Brasil é o campeão mundial de agrotóxicos, nenhum outro país pulveriza na lavoura tanto agrotóxico quanto o nosso, esse setor movimentou ano passado mais de 7 bilhões de dólares em venda de produtos. Questiona na justiça com sucessivas petições, com embargos, protelando processos, então a reavaliação toxicológica da ANVISA fica amarrada as injunções do judiciário. O que que está em jogo agora? Está para ser decidida nos próximos dias, a forma como o Brasil se posiciona em relação ao princípio ativo chamado metamidofós, questiona a resolução da ANVISA proibindo a venda e o uso de metamidofós no Brasil, o que que é esse palavrão? É o princípio ativo de um agrotóxico usado nas lavouras de soja, de batata, de feijão, tomate, trigo e algodão.

Quais são os problemas causados pelo metamidofós, entre outros, atinge o sistema nervoso central, danos de memória, lapso de memória em crianças, perda de movimentos, prejudica o movimento das crianças principalmente, reduz a imunidade do organismo, causa desregulação hormonal, sistema reprodutor pode ser comprometido, pode haver complicações no embrião das gestantes, ou seja, é um veneno que foi proibido em países como Estados Unidos e China que vejam são bem diferentes na forma como vetam circulação de produtos, países da comunidade europeia toda e países da África, mais uma vez são países bem distintos na forma como vetam circulação de produtos. O Brasil tolera.

4ª cena – 4'30" - A chamada Revolução Verde, pós-segunda guerra mundial, prometia comida farta e sadia na mesa dos habitantes de todo o planeta. A pretexto de modernização nos campos, a revolução verde impôs o mono cultivo em áreas extensas, expulsando o camponês e sua família da terra que cultivava, trocando homens por máquinas. O uso de sementes geneticamente modificadas, os conhecidas transgênicos, generalizou-se a pretexto de multiplicar a produção. O uso de agroquímicos ou agrotóxicos foi intensificado a partir da década de 60 com o uso de adubos químicos e venenos. A química promete saúde mas oferece riscos aos que consomem alimentos geneticamente transformados e aos trabalhadores que manipulam os agrotóxicos. Hoje o Brasil possui e opera mais de 400 tipos de agrotóxicos registrados, inseticidas, fungicidas e herbicidas. A tecnologia utilizada na RV, é proveniente da indústria da guerra.

5ª cena – 5'40" - Durante a 2ª guerra mundial a Engesfarben, empresa alemã que fabricou o gás zyklon B, deteve o monopólio da produção química na Alemanha nazista, entre os seus principais proprietários estavam, a BASF e a BAYER.

6ª cena – 6'05" - Os Estados Unidos utilizaram no Vietnã de 1961 até 1971 o herbicida conhecido como agente laranja. Segundo a Monsanto, uma das empresa produtora, foi para salvar os soldados americanos e aliados, desfolhando a densa vegetação das selvas vietnamitas e portanto reduzindo as possibilidades de uma emboscada. Além da Monsanto a Dow química também participou da rede da morte. Com o fim da guerra várias ações foram movidas contra a Monsanto, a Dow e outros fabricantes de produtos químicos. Nos tribunais chegaram a um acordo que chegou a

uma indenização que chegou a 180 milhões de dólares aos que combateram no Vietnã. A justiça do Coréia do Sul , ordenou que a Monsanto e a Dow pagassem 62 milhões para 6800 veteranos da guerra coreano. O povo e o governo vietnamita não receberam indenização nenhuma, nem das empresas nem do governo americano. A Monsanto acredita que as consequências resultantes da guerra do Vietnã, incluindo o uso do agente laranja devem ser resolvidas pelos os governos envolvidos.

Essas crianças são vítimas tardias do efeito do agente laranja, a Monsanto não diz uma palavra (cena das crianças vietnamitas mutiladas- sem braço, sem perna...) e passa a conta para o governo americano que entrega a fatura a Deus.

7ª cena – 7’45” - **Fernando Ataliba** – Agricultor – Sítio Catavento - Indaiatuba/SP

O que a revolução verde fez foi destruir, apagar, esquecer toda herança, todo acúmulo de conhecimento da agricultura tradicional ao longo dos seus anos e criou algo totalmente novo. E essa novidade depois de 50 anos existindo está mostrando que não dá certo. O que está produzindo? Perda da fertilidade do solo, perda dos mananciais, perda da biodiversidade, contaminação do solo, das águas, contaminação do ar e das pessoas. O que mais vai acontecer? O que mais vamos esperar acontecer para perceber que esse modelo novo não é um modelo bom.

8ª cena- 8’02” - **Roberto Carlos Lazarotto** – agricultor –Caiçara / RS

A gente aqui roçava o mato usava semente crioula e plantava, produzia muito bem. Por volta dos anos 80, 81 e 82, as empresas começaram a deixar sementes, e daí começou a ter uma produção enorme comparando com os produtos crioulos, com pouco investimento.

A primeira coisa que a gente perdeu foi o controle das sementes, em 10 anos já não tinha semente crioula e hoje a maioria é transgênico.

9ª cena- 9’39” - **Dra Letícia Rodrigues da Silva** – ANVISA

No último ano, os alimentos que foram os mais contaminados como: tomate, pimentão, morango, uva , abacaxi, aipim; são esses alimentos que causam maior preocupação por que são consumidos in natura e aa forma de produção deles as vezes são colhidos com um pequeno intervalo de segurança ou sem nenhum intervalo entre a aplicação do agrotóxico e a colheita, o que acaba gerando uma alta quantidade desconformidades de agrotóxico acima dos limites permitidos pela recomendação ou

com uso de agrotóxico proibidos, que muitas vezes são destinados na produção de soja, milho ou algodão que acabam sendo desviados e reutilizados nas culturas menores ou de consumo alimentar mais intenso.

10ª cena – 10'40" - Segundo a ANVISA, no ano de 2009, das 3130 amostras de alimentos, coletados em 26 estados, 29% apresentaram resultados insatisfatórios, estavam acima do limite de agrotóxico tolerado nas seguintes proporções:

beterraba -32%, tomate-33%, alface 38%, mamão 39%, abacaxi- 44%, couve -44%, morango – 51%, pepino 55%, uva- 56% e pimentão 80%.

11ª cena – 11'40" - **Altamiro Rudolfo Ludtke** – Agricultor – Paraíso do Sul / RS

Eu fiz um plantio de milho e daí tinha que imunizar, porque era uma planta tardia, se a gente não coloca um pouco de defensivo, o milho não vem, a lagarta ataca. E daí eu levantei a tampa da plantadeira e inalei aquele cheiro, aquele bafo, me deu uma ânsia, eu achei que ia morrer. Daí fui ao médico, o médico atestou que era veneno, a causa era uma intoxicação por veneno por inalação. Imagine que se a gente inalando faz mal e as pessoas que vão consumir?

12ª cena- 12'31" - **Dra Ana Primavesi** – Agrônoma e Agricultora – Pioneira da Agroecologia no Brasil

A batata estava bem grande e bonita. Eu perguntei ao agricultor: essa batata está boa? Ele falou: não sei, não comi. Então eu disse: vocês não comem batata? Credo. Ele disse: eu não. Então pra que serve? Pra vender. E a batata é um alimento que mais recebe veneno.

13ª cena- 12'56" - **Celi Raddatz** – Agricultora – Agudo /RS

Eu passei uma vez veneno nas hortaliças, eu orientava, era o veneno do fumo. Hoje ainda várias hortaliças põe esse veneno e esse veneno faz mal. Daí eu fui parar no hospital, atacou os rins, eu nem sabia que estava tão mal.

14ª cena – 13'17" - **Darci dos Santos** – Agricultor – Linhares/ES

Ele fez uma roça de feijão, no meio do café. Ele aplicou mas tem uns 10 anos atrás. Ele pegou o feijão e deu pra meu vizinho colher, disse: colhe esse feijão que tá muito bom. Aí quando fomos arrancar o feijão o que tinha de rolinha morta no meio. Ele

falou: gente vocês colhem esse feijão e não consomem agora, pelo menos 6 meses, porque o remédio que apliquei era muito forte. Apliquei essa vez pra nunca mais, ele matou os insetos e os passarinhos também. Ele foi para o mercado, quer dizer não só o agricultor tá morrendo mas o povo da cidade também, eles que consomem esse veneno.

15ª cena – 14’ - TV- Jornal da Globo – Frutas e verduras frescas, são fundamentais pra a saúde, todo mundo sabe, mas uma blitz em Pernambuco fez um flagrante, frutas e verduras de todo país estavam contaminadas. Um cardápio rico em frutas e verduras, legumes e folhas a vontade, um hábito saudável, mas que pode se transformar em um problema dependendo da procedência dos produtos. Seu Genival perdeu não só todo os 60 mil pés de alface que cultivou como também o direito de vender toda a horta porque usou na plantação um agrotóxico proibido por lei.

Seu Genival disse: Todo mundo usa, não só eu, todo mundo usava.

Agrotóxico são produtos químicos, que servem para combater pragas e doenças na agricultura. O uso desses inseticidas, os tipos aplicados e as dosagens que as lavouras recebem, são regulamentadas pela ANVISA, agência nacional de vigilância sanitária. Alguns produtos foram retirados do mercado por causa dos riscos à saúde. Uma pesquisa feita na Central de abastecimento de Pernambuco pela agência de defesa agropecuária encontrou irregularidades em várias amostras de frutas e verduras, não só produzidas aqui no estado como tomate e couve-flor, mas também no pimentão da Paraíba e no morango do Espírito Santo, todos apresentaram altos teores de agrotóxico e estão com a comercialização proibida. A ameaça não é só para quem consomem os produtos contaminados, Seu Severino que a 30 anos vende pimentão na central de abastecimento perdeu um olho por causa de uma infecção provocada segundo os médicos por agrotóxicos. Olhando assim para o pimentão não dá para perceber o problema, para o consumidor é quase impossível identificar frutas, verduras e hortaliças com excesso de agrotóxico. A dica, segundo os nutricionistas é fazer compras em locais conhecidos, que tenham referências e se possível levar para casa produtos orgânicos.

16ª cena – 16’06” - **Prof. Raquel Rigotto** - médica, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Ceará

Infelizmente não é possível fazer muita coisa. Sabe que lavar com sabão e com bucha pra esfregar e possivelmente tirar o excesso que está ali na casca, pode ser e alguma ajuda para não contaminar a geladeira. Não colocar, por exemplo, a casca do mamão suja no prato junto com a melancia e misturar um com o outro no prato, ali tem veneno. Mas de fato é fundamental que o período de carência seja respeitado, ou seja, o período de aplicação de cada um desses ingredientes ativos e a colheita de forma a garantir que haja uma degradação daquele produto, mas também não ter a ilusão que esse tipo de procedimento vai nos permitir ter um alimento livre de agrotóxico.

17ª cena – 16’56” **Jefferson Matias da Rosa** – Agricultor – Boa Vista das Missões/RS

Tudo a base de veneno hoje. O trigo quando vão colher eles passam o secante para matar o trigo para colher mais seco para poder a farinha que já vai. Tá comendo veneno daqui até a mesa, até quem consome, só veneno. Monsanto que cobra R\$ 1,00 real em saco sem botar a mão na lavoura, sem está aqui.

18ª cena – 17’23” **Dra Ubirani Barros Otero** – Epidemiologista – INCA

A recomendação da instituição é que ninguém deixe de comer frutas, verduras e legumes por causa dos agrotóxicos. Então qual é o ideal? O ideal é que esses produtos não sejam utilizados.

19ª cena – 17’36” **Fábio Gomes** – nutricionista – INCA – 17’50”

S E as pessoas não consumirem frutas, verduras e legumes, elas vão acabar consumindo outros alimentos que em tese a gente imagina que não tenham agrotóxico. A gente imagina isso porque quando pensamos em agrotóxico a gente pensa em geral em alimentos frescos. Então as pessoas não perguntam se a farinha láctea, a farinha de arroz, se os alimentos processados que também utilizam a matéria prima que pode estar sendo produzido com uso de agrotóxico também leva esses pesticidas.

20ª cena – 18’14” - Frase: Trigo contaminado? O pão, a pizza e o macarrão também estão. Brasil envenenado, pobre tem que comer veneno. Orgânico é para rico.

21ª cena – 18’30” – **Senadora Kátia Abreu** – DEM / TO

O grande responsável pelo motivo dessa audiência pública é o autor de uma entrevista no jornal Le Monde Diplomatique, que publicou uma entrevista bastante prejudicial ao país: Brasil envenenado e o subtítulo: Alimentos contaminados. Então a partir do momento que um diretor da ANVISA que é responsável em avaliar, aprovar ou não, os defensivos para agricultura, genéricos ou não, faz uma declaração dessas na imprensa, ele tinha a obrigação de vir se justificar no Senado Federal. Elas estão dando prejuízo ao patrimônio Nacional. Essas pessoas esquecem que elas também comem e que querem comer barato. Se ele tem um bom salário na ANVISA, não é o caso de milhares e milhares de brasileiros que ganham salário mínimo ou não ganham nada e que, portanto, precisam comer comida com defensivo sim, infelizmente, que é a única forma de comer alimentos mais barato. Se nós pudéssemos produzir orgânico para todo o Brasil e para o mundo, nós precisaríamos no mínimo, eu nunca fiz essa conta, de 3 Brasil ou 4, daí pra mais, para produzir o mesmo tanto para os brasileiros e exportar. Então eu não compreendo onde essas pessoas querem chegar. Elas querem atingir quem? As pessoas pobres que não podem comer comida cara? Ou eles estão revoltados porque o Brasil diminuiu o preço da compra da comida em uns 1000%? 40 anos atrás, senhor presidente, o trabalhador brasileiro gastava 50% da sua renda com comida, hoje gastam 18%, se não nos atrapalhassem os agricultores poderiam estar aí fazendo custar 12% da renda do trabalhador. É a burocracia para dificultar a vida da maioria e beneficiar uma pequena minoria. E o pior de tudo isso, o mais desonesto, é que a bandeira é bonita, é da saúde humana em jogo, a população toda fica do lado deles.

22ª cena -20'40'' - **Dr José Agenor Alvares da Silva** – diretor da ANVISA

Nós já pegamos resíduo de agrotóxico em cultura que aquele agrotóxico não é autorizado, já pegamos resíduo de agrotóxico em cultura que é autorizado, mas está muito acima do permitido e já pegamos resíduo de agrotóxico que não é permitido no Brasil.

23ª cena – 21' - TV –Jornal de Mato Grosso- Ministério Público investiga os casos de intoxicação causada por agrotóxicos no município de Lucas do Rio Verde, como o jornal de Mato Grosso já havia adiantado, além das plantas, da água, e do ar, pesquisas revelam que houve até contaminação de seres humanos devido a exposição frequente a esses produtos. As amostras de leite materno foram colhidas de 62

mulheres atendidas no programa saúde da família de Lucas do Rio Verde a 350 km de Cuiabá, e todas apresentaram pelo menos 1 tipo de agrotóxico, além disso em 85% dos casos foram registrados traços de 2 ou mais defensivos no leite materno. Os vestígios encontrado em 100% das amostras é de um defensivo conhecido como DDE, um metabólico do DDT que foi proibido pelo governo federal em 1998 por causar males a saúde já que ele não é expelido pelo corpo humano, pelo contrário, ele se acumula na gordura do organismo e segundo Danielly Palma, mestre em saúde coletiva, uma das responsáveis pela pesquisa, pode desregular o sistema endócrino responsável pelos hormônios, podendo causar câncer, má formação no feto, aborto e outros problemas de saúde. E com a safra de soja deste ano preste a bater novos recordes de produção a situação se torna ainda mais preocupante. É que não existe uma barreira física que impeça que o produto se espalhe por toda a região devido o vento. Dr Vanderlei Pignati, professor da UFMT explica que o vento leva para a cidade, contamina o solo, vai para o lençol freático e uma parte desse agrotóxico se evapora porque aqui é muito quente, se condensa e desce com a chuva. E os pequenos agricultores de Lucas do Rio Verde sabem bem disso, o Seu Zito já perdeu vários pés de mandioca, abobrinha e milho por causa desses herbicidas e tem medo das consequências disso para a saúde humana, ele relata que a tecnologia de hoje permite que o índice de intoxicação seja menor que no passado, então intoxicação aguda não acontece como acontecia a 10, 15 anos atrás, mas hoje a consequência é a longo prazo, são as crônicas que vão acumulando aos poucos no organismo, são as artrites, dor de cabeça incurável, intestino, câncer. Foi o que aconteceu com Júlio, natural do Paraná, ele mora em Mato Grosso há 6 anos, e de lá pra cá ele precisa frequentemente ir ao posto de saúde, ele relata que veio da cidade que, foi buscar remédio para boca amarga, estomago, dores, fui intoxicado várias vezes com o veneno, então eu sou um deles, que estou vivendo até quando Deus quiser.

24ª cena- 24'17" - **Sebastião Pinheiro**- Engenheiro Agrônomo e Florestal – Pesquisador da UFRGS

A CIBA H quando desenvolve o DDT em 1945 ela passa a produzir DDT não só para acabar com as pragas da agricultura também com as pragas do homem. Ele era usado em sanitarismo. E o que representa para CIBA H desde daquela época em 1945 até nosso dia a venda de DDT representa 6 trilhões de dólares. A pergunta é sônica e sarcástica: eu vou me preocupar com o câncer do próximo? Não tenho por que.

25ª cena – TV Jornal da globo- No Paraná o aumento na produtividade nas lavouras de soja esconde um perigo, é o descontrole na aplicação de agrotóxico. A cada ano aumenta as pulverizações e o risco no campo. Quarta aplicação de agrotóxico para garantir a safra de trigo, segundo agricultor cada ano aparece uma praga diferente, para cada praga um produto diferente. Nos últimos 9 anos o uso de defensivo quase dobrou no Paraná, antes era duas aplicações em média, agora chega a quatro, e na plantação de soja o abuso ainda é maior, oito aplicações. A venda de agrotóxico aumentou 140% em 10 anos, crescimento maior que a produção de grãos que aumentou 75%. Para o pesquisador falta técnico no campo para auxiliar o agricultor, diz que o agricultor acaba ficando sujeito a recomendações muitas vezes inadequadas. Veneno demais contamina o meio ambiente, aumenta os custos, faz mal pra saúde e pode prejudicar também os bolsos dos produtores. Entre os especialistas há o temor de que o mercado internacional imponha restrições aos produtos brasileiros devido ao uso de agrotóxico. Assim dizem que a agricultura que impulsiona nossa economia, isso seria o caos. O risco também é grande para a saúde dos agricultores. Aos 32 anos dona Lídia tem dificuldades para caminhar, ela sofre de uma doença que aos poucos vai destruindo o sistema nervoso consequência dos venenos da lavoura do fumo que trabalhou desde a infância. Ela relata: o preço meu de todos os anos que trabalhei da minha vida aos 32 anos saber que tenho uma notícia tão grave, não vale a pena, você queria estar vivendo, estar feliz, sair aos domingos, passear, dar risadas, não estar pensando toda hora num problema tão sério e sofrendo as consequências dele, que não é só pensar é sentir.

26ª cena- 27'03" - **Marcelo F. S. Porto** – Prof. Pesquisador do Centro de Estudos da Saúde do trabalhador e Ecologia Humana/ENSP / FIOCRUZ

Boa parte dos efeitos à saúde, da intoxicação que é feita nas populações, boa parte de toda essa destruição que é feita pela expansão da monocultura, ela não tem implicação pro lucro na cadeia de preços, ou seja, a soja barata, o álcool barato, a carne barata. Em boa parte se dá em nome do câncer, das intoxicações aguda, que vai ser atendido no SUS público, do desrespeito à natureza que vai ser pago nas próximas gerações. Nada disso de alguma maneira é contabilizado.

A gente fez um estudo no Paraná que no pior cenário são cerca de 150 milhões de dólares que podem ser gastos somente nas intoxicações agudas, ou seja é mais caro pagar os efeitos à saúde do que usar o agrotóxico.

Só que quem paga o agrotóxico é o agricultor e quem paga a saúde é a população, o sistema de saúde, é o governo, somos todos nós e a vida e o sofrimento dos trabalhadores que estão sofrendo com essas intoxicações e com os problemas de saúde.

27ª cena – 28’12” - **Prof. Raquel Rigotto** - médica, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Ceará

53% dos trabalhadores examinados da monocultura de abacaxi, estavam com alterações nas funções hepáticas. Inclusive um deles veio a falecer, exatamente o do almoxarifado químico, que trabalhou durante 3 anos e 6 meses com todos os dias exposto a agrotóxicos, apesar de ter apenas 29 anos em apenas 4 meses adoeceu e veio a falecer com uma hepatopatia tóxica de acordo com o laudo feito por 4 professores da faculdade de medicina da UFC.

28ª cena – 28’52” - foto de Vanderlei Matos da Silva- vítima de agrotóxico

29ª cena – 29’ - Maria Cerlene – viúva de Vanderlei Matos da Silva

Deu para aparecer o amarelidão nos olhos dele, depois no corpo todo, depois os lábios ficaram ressecados, cortados, as pontas dos dedos das mãos dos pés, começou a piorar a urinar da cor de coca cola, quando eu fiz o aniversário do meu menino de 1 ano, os médicos diziam que era hepatite, no começo diziam que era hepatite e depois foi imediatamente transferido para Fortaleza quando foi com um mês que ele estava internado ele faleceu. Ele trabalhou na empresa 3 anos e 7 meses, ele fazia na firma a mistura dos coquetéis.

30ª cena- 30’05” - **Alexandre Pessoa Dias** – Prof. Pesquisador da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / FIOCRUZ

Nesse cenário de crescimento vertiginoso do agrotóxico, eu penso que a atual Campanha Permanente contra o uso dos agrotóxicos e pela vida, ela cumpre um papel fundamental, não somente na questão da mobilização eu digo mesmo no aspecto da

comunicação em saúde, porque ela revela na sociedade os graves impactos sociais e ambientais decorrentes do uso abusivo desses produtos químicos nesse país.

31ª cena – 30'48" - Dra Ubirani

As crianças, a família as mulheres também atuam no campo e a gente sabe que as coisas se da dentro do útero. Então os efeitos daqueles agentes agindo tão precocemente, a gente só vai ver a manifestação de um tumor, câncer anos depois.

32ª cena – 31'10" - Cenoura – rica em vitamina A contribui para o bom estado da visão da pele e das mucosas, a cenoura contém sais minerais como fósforo, cloro, potássio, cálcio e sódio e vitaminas do complexo B que ajudam a regular o sistema nervoso e a função do aparelho digestivo. Entre os agrotóxicos encontrados em amostras de cenoura colhida estão acefato, metamidofós, clorpirifos, dimetoado, profenofós. Os tomates são as fontes mais rica em licopeno, antioxidante que combatem os radicais livres retarda o envelhecimento e protege contra o câncer de próstata. Amostras encontradas nos tomates analisados a presença do aldicarb o mais tóxico inseticida conhecido para mamífero. Também é usado ilegalmente nas cidades como raticida .

Pimentão, anti-inflamatório, digestivo, estimulante para a circulação, rico em vitamina C. Foram identificado 22 ingredientes ativos dos quais 18 não estão autorizados para vender. Os princípios ativos não autorizados: profenofós, sipermitrina, endosulfan, landersianitrina e dicloform. Possuem classe toxicológica II, altamente tóxico.

33ª cena- 32'43" - **Dra Letícia Rodrigues da Silva** – ANVISA

No ano 2008 a ANVISA colocou 14 ingredientes ativos em reavaliação, muitos desses produtos em função deles estarem proibidos em outros países e desde então a gente vem sofrendo uma série de ações judiciais, pressões que vão desde requerimento de parlamentares, extensivos que demandam dias e até semanas para serem respondidos, até questões de judicialização mesmo.

34ª cena – 33'12" - **Dr José Agenor Alvares da Silva** – diretor da ANVISA

Existe um antagonismo que muitas vezes é até irreversível, entre a opção econômico comercial e a opção da saúde. Nós temos esta dupla responsabilidade. A nossa responsabilidade maior é garantir a saúde da população.

35ª cena – 33’35” **Dra Lia Giraldo da S. Augusto** – Prof. Pesquisadora do Centro de Pesquisa Ageu Magalhães – FIOCRUZ

A nossa experiência é na verdade de constatar diversos mecanismo de atuação do lobi do agronegócio sobre as estruturas do estado no sentido de impedir que os órgãos façam cumprir sua missão. Recentemente nós trabalhamos acolhendo a ANVISA na revisão de 11 agrotóxicos e pudemos constatar a pressão de diversos órgãos governamentais representando interesses, conflitos de interesses do agronegócio e vimos isso claramente ser feito pelo Ministério da Agricultura, Ministério de Ciência e Tecnologia e pela Casa Civil. E aqui em Pernambuco vimos isso aqui no Fórum de combate aos agrotóxicos, nos momentos que a gente tem discussão nesse Fórum bastante interessante criado pelo Ministério Público do Trabalho, para discutir e ter ações públicas frente a essas nocividades desse veneno.

36ª cena – 34’55”- Reportagem de André Trigueiro- O que a gente apurou junto a ANVISA, é que algumas lideranças políticas estão pressionando a agência nacional de vigilância sanitária questionando a resolução que veta a comercialização e o uso desse produto. Pressionando de que forma? Telefonando, e questionando porque está havendo esse embargo, porque estão vetando a circulação desse produto. O que eu posso entender dessa situação é que mais uma vez não é uma questão político partidária, mas poderia ser aqui uma retribuição a forma com que certas fábricas, certas empresas ligadas ao setor químico que produz agrotóxicos financiam campanhas.

37ª cena – 35’45” - **Prof. Raquel Rigotto** - médica, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Ceará

Um dos achados que nos deixou mais perplexo nesses 4 anos de estudo, foi a descoberta que os agrotóxicos têm estímulo fiscal para serem utilizados no Brasil como todo. Há um convênio que data de 1997 que oferece uma isenção fiscal de 60% do ICMS, do IPI, do CONFIN e do PIS/PASEP. E no Ceará e alguns outros estados do Brasil, os governos estaduais acharam pouco e estenderam para 100%.

38ª cena – 36'30" - Cristina Kirchner ordena a investigação de agrotóxicos das empresas Monsanto e Dupont, a presidenta da Argentina, fez um pronunciamento na sala de Convenções de Olivos, a sede do governo, em que o tema principal era medidas para o setor rural afetado pela crise econômica mundial e a seca. Mas ela incluiu no seu discurso uma surpresa para um público muito favorável a soja transgênica, anunciou que ordenou a sua ministra da saúde, Graciela Ocania, que realize uma investigação oficial sobre os impactos à saúde dos agrotóxicos utilizados nas lavouras, referia-se especificamente ao glifosato produzido pela empresa Monsanto e o Endosulfan comercializado pela multinacional Dupont. São fatos muito importantes relacionados com a saúde de todos os argentinos e sendo assim, ninguém pode discutir questões de competências e jurisdições. Assegurou. Página 12 – ECOAGÊNCIA.

39ª cena – 37'32" – 70% da mesa do brasileiro é servida por frutas, verduras e legumes plantadas e cultivados pelo pequeno produtor, pela agricultura familiar. Todos ou pelo menos sua grande maioria são obrigados a trabalhar com transgênicos, dificilmente sem o uso dos transgênicos, os pesticidas e herbicidas, o agricultor conseguirá o crédito necessário para financiar sua safra. O agricultor então é obrigado a trabalhar com transgênico, pesticidas, herbicidas, alguns deles cancerígenos ou provocando doenças do trabalho. A saúde do trabalhador custa R\$ 50,8 bilhões aos cofres públicos e as doenças ocupacionais e os acidentes de trabalho consomem 1,8% do PIB. As empresas que produzem grãos e sementes agrícolas modificados geneticamente, cobram direitos autorais dos camponeses, que são obrigados a utilizar seus grãos e sementes. Ao contrário do que a propaganda afirma, o uso de transgênicos exigem pesticidas e herbicidas, que fazem parte de um pacote básico imposto aos agricultores. As sementes foram patenteadas, e os agricultores ao invés de trabalhar com as chamadas sementes crioulas, passaram a utilizar as sementes híbridas, geneticamente transformadas, ao invés de prestarem conta à natureza, os agricultores passaram a pagar royalties. As sementes nativas vão sendo dispensadas, perdendo seu tempo no mundo que passa a servir as transnacionais. Junto com a produção em escala, a química introduziu o câncer e outras doenças na dieta dos habitantes do planeta, na saúde dos trabalhadores que manipulam o veneno, mata

animais de grande porte e seres humanos. Os produtos orgânicos, mais saudáveis para saúde dos que plantam e dos que consomem, custam mais caro. Por falta de financiamento e de políticas públicas fica mais distante do prato da população. A Syngenta cria dependência química trocando café por agrotóxico, uma empresa sem nenhuma tradição ou foco na comercialização de commodities está se consolidando como uma das maiores exportadoras brasileiras de cafés especiais. A indústria de agroquímicos e sementes Syngenta tem contratos para comprar e exportar 208 mil sacas de café gourmet ao longo deste ano dentro de um programa no qual troca seus produtos por sacas do grão. O agricultor paga os insumos com sua própria produção e não em dinheiro. Com os cafés especiais a Syngenta decidiu fazer ela mesma a comercialização em uma estratégia para que os produtores de café sejam fiéis a seus agroquímicos, a plataforma inclui os agrotóxicos da Syngenta e também os serviços pós-colheita e treinamentos.

40ª cena- 40'46'' - frase - Adonai- uma resistência possível - **Adonai I. S. dos Santos** – Agricultor, Sanga dos Índios, Iraí / RS

Pra fazer o custeio da lavoura e pra ti está segurado que vai fazer lavoura, o banco exige as notas de semente e tem que ser híbridas, tem que ter adubo químico, tem que ter veneno e as notinhas de todo esse produto. Porque lá no dia que você vai fazer a entrevista, vai vir o técnico do banco, o fiscal e ele vai as notas pra fazer o seguro. Senão em 48 h você tem que devolver o dinheiro lá, se você não tiver a lavoura, se você não usou aquilo e não tem aquelas notas você não vai ganhar o PROAGRO.

41ª cena – 41'42'' - A palavra Adonai em hebraico significa ele, como se designa Deus, cujo o nome não se pronuncia. Aqui no Brasil, no Rio Grande do Sul, Adonai é um agricultor que reinventa o mundo a sua maneira, tudo que lhe apresentam como verdade, Adonai questiona. No mundo da Monsanto, Dow, Bayer, Basf, Dupont, Syngenta, Adonai pratica agricultura orgânica sem transgênico, enfrenta o banco que só dá crédito a quem planta transgênicos e tem como garantia de colheita da safra o uso de herbicidas e pesticidas. Nosso Adonai desafia as transnacionais que lucra bilhões com os seus venenos, baseado na sua história familiar, Adonai reinventou o milho crioulo. Existe uma porta de saída, Adonai aponta.

42ª cena- 42'29'' - **Adonai I. S. dos Santos** – Agricultor, Sanga dos Índios, Iraí / RS

Eu me lembrei lá de trás, do tempo de meu pai, quando tinha sementes crioulas. Por que não pode tentar fazer isso hoje? Eu mais um colega que se formou em agrônomo, dissemos vamos tentar fazer uma semente aqui em sua propriedade, daí nós tínhamos que depender do milho híbrido com outro, daí fazer o enxerto pra fazer o cruzamento, daí pra tirar para plantar a segunda planta. Eu usei 11 variedades de milho, fiz uma mistura, peguei um milho comum que eu comecei encontrar, daí peguei mais híbridos e misturei tudo, daí eu fui selecionar. Levei 3 anos que eu consegui fazer esse milho certo

43ª cena – 43'38' - **Dra Ana Primavesi** – Agrônoma e Agricultora – Pioneira da Agroecologia no Brasil

Hoje em dia o pessoal sempre acha que se faz agricultura orgânica não vai nutrir a humanidade. Bom, se está pensando que orgânico é simplesmente deixar o químico, tem razão. Porque orgânico é que se trabalha com a vida do solo e não perguntaram o que a planta precisa, perguntaram o que a indústria podia fornecer. Nós temos que ter mais pela natureza e menos para tecnologia, porque se a tecnologia em si não tiver trabalhando conforme a natureza, não vai conseguir resultado satisfatório.

44ª cena - 44'30'' - **Fernando Ataliba** – Agricultor – Sítio Catavento - Indaiatuba/SP
Essa cenoura, ela foi produzida em perfeito equilíbrio trofobiótico. O que é isso? Ela teve uma nutrição, uma ambientação absolutamente adequada, de modo que ela não contraiu nenhum tipo de doença. Ela está equilibrada.

Não há nenhuma dificuldade em produzir orgânico para alimentar o povo, não há dificuldade técnicas. O sítio Catavento, com seus 20 hectares de agricultura produz 300 toneladas de alimentos por ano e alimentos de altíssima qualidade.

45ª cena – 45'10'' - **Dra Ana Primavesi**

O problema que nós enfrentamos, não é que eles não sabem. Eles não querem por causa da indústria que ganha por isso e sempre está algo no meio entre a tecnologia correta e a ganância.

46ª cena – 45'30''- **Sebastião Pinheiro**- Engenheiro Agrônomo e Florestal –
Pesquisador da UFRGS – 24'32''

Eu aconselho a vocês, não entrem na Universidade da Academia Brasileira falando mau do agrotóxico. Você é capaz de ser apedrejado.

47ª cena- 45'40" - **Fernando Ataliba**

Agricultor tem que aprender a confiar na natureza.

48ª cena- 45'45" - **Adonai**

Tem que dar um sentido para o pequeno agricultor acreditar nisso e entrar. Mas isso depende também da parte dos governantes públicos que apoia e leve adiante. Nós estamos ali, bem pequenininhos tentando uma frestinha.

49ª cena – 46'04" - **Eduardo Galeano**- jornalista e escritor – 30"

Eu acho que a única possibilidade que nós temos de não só recuperar recursos naturais e saber defende-los, mas também de levar isso como necessidade de levar uma vida melhor e mais livre para os humanos e tomar consciência que os direitos da natureza e os direitos humanos são dos homens da mesma dignidade, ou seja, qualquer contradição é artificial e sobre tudo quando nasce de perceber religião, do progresso, desenvolvimento, do crescimento econômico, que predomina onde manda o Deus do mercado, Deus implacável, invisível, tremendo “fdp” o Deus do mercado que manda crescer essas a identidade entre os recursos naturais e a vida humana e entre o direito humano e o direito da natureza.

FIM